

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

A CRÍTICA TEXTUAL EM A HORA DA ESTRELA

Adriane Camara de Oliveira
prof.adriane@bol.com.br

A IMPORTÂNCIA DA CRÍTICA TEXTUAL

Pretendemos abordar a importância da crítica textual como recurso a ser utilizado para resguardar os textos, em especial os literários, de possíveis deformações ocorridas após a sua primeira elaboração. A crítica textual pode ter como fonte uma obra manuscrita, datiloscrita ou digitalizada. Seus primórdios “datam aproximadamente de 482 a 410 a.C., quando Protágoras e outros filósofos sentiram necessidade de editar e tornar compreensíveis os textos antigos”⁵. Atualmente muitos pesquisadores também se deparam com uma série de modificações, que vão da primeira edição até as subsequentes, nas mais variadas obras.

Afinal, as mudanças textuais, muitas vezes, alteram o objetivo dos autores, no momento de compor determinada obra. Portanto, devemos manter fidelidade à vontade deles, pois seus trabalhos deverão estar livres da intromissão externa. O livro *Introdução à crítica textual*, de César Nardelli, pretende dar o aparato teórico necessário para quem deseja especializar-se nesta área, além de ser dirigido àqueles que desejam ficar mais atentos a problemas relativos às mudanças sofridas por um texto literário.

Neste trabalho faremos o confronto de duas editoras, a fim de mostrar as modificações ocorridas em uma mesma obra. A Professora Doutora Marlene Gomes Mendes⁶ pesquisou os textos de Clarice Lispector nas edições que saíram pela editora Rocco.

⁵ Marlene Gomes Mendes, *Filologia = Ecdótica = Crítica Textual*, manuscrito, p.1.

⁶ Marlene Gomes Mendes é professora da UFF e trabalhou com a Edição Crítica em uma perspectiva genética de ‘As três Marias’, Martim Cererê e os meninos do Brasil, além de ter sido colaboradora do volume que trouxe os Poemas e cartas de Bandeira, lançado pela Coleção Archivos, da UNESCO.

DA ESCOLHA DA EDIÇÃO

Recorremos às edições reconhecidas pela preocupação com o processo textual, desde os manuscritos até a tipografia. Faremos, portanto, a análise da obra *A hora da estrela*, da autora Clarice Lispector, tal como publicada pela editora Rocco, em comparação com a editora Francisco Alves. Lembramos, contudo, a importância da iniciativa da Rocco, “nenhuma editora tinha investido, até então, no lançamento da obra completa de um escritor isenta de erros tipográficos, ortográficos, gramaticais e até estilísticos.”⁷

Na análise das obras, Marlene Gomes Mendes se deparou com alguns problemas, entre eles o fato da autora não guardar os seus manuscritos. Em declaração a *O Estado de São Paulo*, Mendes esclareceu: “Clarice Lispector não revisava seus livros e tinha por hábito destruir seus originais” (*Idem*). Para confirmar o fato, a pesquisadora procurou pessoas próximas à autora, como a professora da Universidade de São Paulo, Olga Borelli, além do crítico literário Benedito Nunes, e eles confirmaram a “despreocupação” de Clarice com a preservação dos originais, depois que a obra estivesse acabada.

O método da professora se resume em agrupar todas as edições em vida do autor, e compará-las com a última, registrando as mudanças feitas ao longo do tempo. A característica da autora fez com que a pesquisadora trabalhasse com a primeira edição, tomada como texto-base, confrontando-a com as demais edições. Nesta comparação, podemos verificar algumas distorções, entre os erros encontrados estão: “mudança de tempos verbais, saltos de frases inteiras e outros que derivam de ‘correções bem-intencionadas’”.

A primeira edição foi tomada pela crítica como texto-base, partindo do princípio de que traz a versão mais próxima das intenções

⁷ Luiza Mendes Fúria, *O Estado de São Paulo*, 14 de julho de 1998.

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

da autora. Seleccionando oito tópicos – tais como pontuação, troca de palavras ou mudanças em tempos verbais – Marlene rastreou desde sutis (mas significativas) alterações na pontuação até grosseiras alterações no sentido do texto.⁸

Clarice Lispector, como sabemos, tinha uma forma de expressão muito pessoal, pois tentava aproximar o tempo da escrita com o ato de pensar a própria escrita. A sua história ficcional estaria sempre muito próxima à estrutura do próprio texto. Concluímos, então, que a sua escrita não seguiria necessariamente a norma gramatical, mas se tratava antes de tudo, de uma busca expressiva, metalingüística. Buscava assim enxugar o texto, dissecando cada palavra, a fim de atingir através da simplicidade uma dimensão mais próxima à rudeza da realidade. Quase sempre, ao misturar esses elementos, sua prosa se contaminava da intensidade típica da poesia. Vamos verificar, em *A hora da estrela*, o trecho em que o narrador também evidencia tal circunstância estilística:

Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos. É que a esta história falta melodia cantabile. O seu ritmo é às vezes descompassado. E tem fatos. Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura – fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir. (Lispector, 1999, p. 16)

Ao mesmo tempo, em que não preservava os manuscritos Clarice Lispector mostrava-se preocupada com os seus textos, antes de publicar um livro, reescrevia de forma obsessiva. Um dos exemplos foi o fato de ter reescrito onze vezes *A maçã no escuro*. O método da escrita clariceana continha em geral duas etapas: fazia anotações soltas e depois às organizava. Não tinha uma seqüência lógica, mas repensava cada vírgula do seu texto, antes de publicá-lo. Após a entrega do texto à editora não mais revisava – exceção acontecida com *A cidade sitiada*, pois, em carta a

⁸ Caderno *Prosa e Verso*, O Globo, 11/ 07 /1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

um editor francês declarou que seu texto precisava de uma revisão aprofundada e ela mesma o faria.

O acervo da escritora se encontra depositado no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Casa Rui Barbosa. Na mesma Fundação, também está o texto incompleto datiloscrito do romance *Água viva*, um dos textos que possuem originais, além do conto *A Bela e a Fera*.

A preocupação no trabalho da crítica textual vai além da minúcia, pois significa a responsabilidade que se deve ter com o autor e sua obra, tendo como maior beneficiado o leitor, que, desse modo, terá acesso a uma edição realmente confiável, assegurando avaliações e interpretações mais adequadas. Já a busca por uma determinada edição deverá ocorrer não somente em obras clássicas, mas em todo texto impresso, uma vez que tais modificações implicariam na mudança do próprio julgamento.

Para melhor explorar essa questão, pensemos nos textos didáticos, pois apresentam deformações com frequência, principalmente em trechos que tratam da poesia e da prosa, além de outros gêneros, que aparecem em menor número. Este fato, muitas vezes, ocorre por motivos “triviais”, por exemplo, para que tais textos caibam em determinado formato (espaço da folha) poderão ser suprimidos. Também poderá ser alterado dependendo da faixa etária do público leitor, ou seja, os editores alegam que para uma melhor compreensão, um texto deverá ser adaptado. Contudo, em geral, nesses casos os editores não justificam os critérios adotados, tampouco adicionam notas para esclarecimento do leitor.

Um dos textos mais apreciados pelos autores dos livros didáticos é o poema “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira. Mas, geralmente, a transcrição não é fidedigna. Por exemplo: no verso 4,

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

“Virge Maria que foi isto maquinista?” a forma popular “Virge”, usada pelo poeta, foi “corrigida” para Virgem em dois livros (...).⁹

Essas adaptações pretendem, em alguma medida, a obtenção de um efeito moralizante, começando na seleção até a retirada das partes “incompreensíveis” para a maioria dos alunos. Cabe, no entanto, uma pergunta: qual moral se pretende aplicar? Provavelmente não se trata do desejo do autor; afinal, quase sempre os textos literários pretendem abrir novas possibilidades interpretativas, em lugar de “fechá-las” numa única leitura, teoricamente a “única” correta. Aliás, os exercícios apresentados para alunos de escola, em geral, querem uma resposta objetiva sobre determinado tema, fato esse que não faria muito sentido, pelo que acabamos de explicitar.

A alteração de uma obra poderá implicar os mais variados graus de deformação interpretativa. Primeiro poderá ser apenas com uma idéia determinada até comprometer o texto como um todo. Sabemos que numa frase há muitas formas de repensar o mundo, uma simples vírgula fora do lugar poderá alterar o sentido inicialmente expresso, modificando assim a reação do leitor ao que o autor inicialmente deseja obter.

Ora, nesse ponto, não será revelador recordar que Clarice Lispector costumava pedir, através de cartas, que os revisores não alterassem seus textos? Por exemplo, declarou na *Tribuna da Imprensa*, na edição do dia 27 de julho de 1998: “as vírgulas são minha respiração”, ou seja, seus textos deveriam em alguma medida aproximar-se da oralidade, e, nesse caso, do fluxo de seu pensamento. No romance *Um sopro de vida* a questão é ampliada, pois o próprio texto termina com reticências.

“Eu... eu... não. Não posso acabar.”
Eu acho que... (Lispector, 1999, p.159)

⁹ Marlene Gomes Mendes, “A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil”, manuscrito p. 5.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Numa crônica publicada no *Jornal do Brasil*, em 20 de outubro de 1973, Clarice Lispector escreveu: “A editora dos livros de bolso que faz adaptações de romances para a leitura dos adolescentes, distribui entre os adaptadores alguns exemplos do estilo por ela preferido.” E a professora Diva Vasconcellos da Rocha, no ensaio “Da necessidade do respeito ao texto literário – Revisor, sim, Copydesk, não”, conclui:

Se o escritor brasileiro continuar a aceitar esse tipo de “correção” de que fala a crônica de Clarice Lispector, em que “em vez de escrever, a pessoa ficará preocupada em exigir que a frase soe melhor”, na clara-velada ironia lispectoriana, a nós só resta o silêncio.¹⁰

CONFRONTO

Ao realizarmos a crítica textual das edições de *A hora da estrela*, o texto-base B será o de última data, portanto, o da editora Rocco 24ª edição, publicada em 1998, em comparação com o texto A, da editora Francisco Alves, 25ª edição, publicado em 1997. Para melhor identificação foi feita a transcrição diplomática das respectivas folhas de rosto e demais páginas introdutórias.

Francisco Alves

A – 25ª edição

Folha de rosto: CLARICE LISPECTOR / A HORA DA ESTRELA / FRANCISCO ALVES. Capa: Gian Calvi / 1997 / Livraria: FRANCISCO ALVES Editora / RUA: URUGUAIANA, 94 – RIO DE JANEIRO 106 p.

Falsa folha de rosto: A HORA DA ESTRELA

¹⁰ Diva Vasconcellos da Rocha. “Da necessidade ao texto literário – Revisor, sim, Copydesk, não”, manuscrito, p.3.

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Capa: duas linhas inclinadas nas cores vermelho e azul, abaixo o nome da autora Clarice Lispector / A Hora da Estrela / 25ª Edição. No meio uma foto enviesada de 10 cm, o quadro Anunciata, de Antonello de Messina. Abaixo Francisco Alves Editora / mais de 130 anos de qualidade.

Rocco

B – 24ª edição

Folha de rosto: CLARICE LISPECTOR / A HORA DA ESTRELA / ROCCO. Capa: Flor Opazo / 1998 / EDITORA ROCCO LTDA / RUA: RODRIGO SILVA, 26 – 5º ANDAR - RIO DE JANEIRO.

Falsa folha de rosto: A HORA DA ESTRELA

Capa: branca, Clarice Lispector em letras azuis / A Hora da Estrela em letras pretas. Do centro para baixo ilustração em circulo de 10 cm. Abaixo Rocco.

DAS MODIFICAÇÕES OCORRIDAS NO CONFRONTO

O Quadro Comparativo revela vinte e seis alterações, muitas foram irrelevantes e em poucas pareceram pequenos erros de digitação. O procedimento adotado foi o seguinte: primeiro retiramos o trecho ou frase referente à editora Rocco, na seqüência o trecho referente à editora Francisco Alves.

2)“Esqueci de dizer que tudo o que estou agora escrevendo é acompanhado pelo rufar enfático de um tambor batido por um soldado.”

Ruflar = voar, esvoaçar.

6)“Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e conten-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

te. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém.”

Por que sem acento.

Por via das dúvida.

9)“Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária.”

Como o tempo = comparação entre ela e o tempo.

11)“engravada por si mesma, por partenogênese: tinha sonhos esquizóides nos quais apareciam gigantescos animais”.

por partenogênese; tinha sonhos = ponto e vírgula, indicativo da pausa intermediária entre o ponto e a vírgula.

CONCLUSÃO

Não pretendemos este breve trabalho estabelecer qual o texto mais fiel à obra *A hora da estrela*, apenas apontamos as diferenças existentes, mostrando assim como uma mesma obra pode sofrer alterações de vários tipos.

Destacamos a 24ª edição da Rocco porque nos foi possível uma aproximação maior com os artigos referentes à pesquisa, afinal esta edição teria como inovação uma seleção de texto mais preocupada com a questão da crítica textual.

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

BIBLIOGRAFIA

MENDES, Marlene Gomes. “A fidedignidade dos textos nos livros didáticos de comunicação e expressão no Brasil”.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

———. *Perto do coração selvagem*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

———. *Um sopro de vida (pulsações)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, [1ª ed. 1978].

FIAD, Raquel Salek. Um estudo de variantes textuais e sua contribuição ao ensino de língua materna. – Caderno de Línguas de Campinas, vol. 24, p. 35-39, jan/jun.1993.